

# O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO — A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 3.

FEVEREIRO 1.

1856.

CARLOS L. F. DA CRUZ AMARANTE.

Laudemus viros gloriosos.....

Ecclesiast: cap. 44.

**E** NOTAVEL a indiferença, a que no nosso paiz são votadas as cinzas venerandas d'um homem illustre!

Apenas o corpo desce aos seios do pó, cahe sobre elle a lousa do esquecimento; e se a mão obscura do amigo lhe não grava na campasaudoso epitaphio, ignora-se, d'ahi a poucos mezes, o lugar, onde jaz!

Não pedimos, que se erijam estatuas aos varões assignalados; que para isso milhares d'ellas seriam necessarias n'esta gloriosa terra dos Gamas, Pedros Nunes, Pachecos, Albuquerque, Camões e Garrets. Pedimos, sómente, aos Plutarchos contemporaneos menos incuria em registrar os nomes d'esses varões nas paginas do jornalismo litterario, muitas das quaes serão textualmente trasladadas para os annaes da nossa historia.

Entre os nomes injustamente esquecidos avulta o de Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante.

Fallecido em 1815, ainda até hoje ninguém se lembrou de commemorar os relevantes serviços por elle prestados á patria, a não ser o digno lente substituto da faculdade de Direito e deputado na actual legislatura, o sr. Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel, o qual nas suas *Memorias do Bom Jezus do Monte* (1) dedicou ao illustre finado uma succinta noticia biographica.

Patricio e sobrinho, como sômos.

(1) Estas *Memorias* foram impressas em Coimbra, na Imprensa da Universidade, em 1811.

do distincto architecto peza sobre nós dupla obrigação.

Se devemos todos considerar-nos filhos da mesma patria, diz um celebre escriptor, (2) fallando a mesma lingua, e não formando todos senão um só corpo e uma só alma; se a todos os nossos grandes homens, sem exceptuar nenhum, devemos homenagens de veneração e reconhecimento, parece que mais particularmente devemos provas d'affecto e respeito áquelles, cujo berço a Providencia collocou perto de nós. São por assim dizer, mais nossos concidadãos. Os primeiros são filhos da nossa patria; os segundos, membros da nossa familia. Não os vimos, pela maior parte, mas sabemos que tem habitado no mesmo solo que nós habitamos; que tem respirado o mesmo ar que nós respiramos: que viveram como nossos pais, e deixaram, entre nós, amigos, parentes, talvez descendentes; e assim como os raios da sua celebridade se reflectem primeiro sobre os logares que os viram nascer, assim, e por uma justa compensação, lhes devemos restituir parte do esplendor que nos communicam. Magnificando-os a elles magnificamos a nós mesmos.

Os documentos biographicos, a que allude o sr. Diogo Forjaz, perderam-se infelizmente; e apenas conservamos a collecção dos desenhos, que refere no fim do capitulo. Na falta d'aquelles, para evitarmos o estygio d'ingratidão, temos sómente o recurso de reproduzir a parte respectiva das *Memorias do Bom Jezus*; o que fazemos pedindo venia ao nosso respeitavel amigo e antigo mestre.

Julgamos que a reproducção não será desagradavel á maior parte de nos-

(2) Timon, Entretiens de Village.

nos leitores, á vista da difficuldade summa d'encontrar hoje á venda um exemplar d'esta poetica obra.

Já que encetamos estas linhas com uma queixa, terminalas-hemos com uma supplica.

Na sacristia do templo do Bom Jesus, chamada dos *bemfeitores*, existe o retrato do architecto; perem achase collocado em tal posição e altura, que é de todos os retratos aquelle em que menos se repara. Parece-nos que as cinzas dos bemfeitores não estremeceriam d'inveja, se entre os retratos d'elles fôra ao do architecto dada a preferencia.

Galardoa-lo com esta distincção posthuma, não será homenagem sobeja, mas será testemunho de reconhecimento devido.

A' actual meza offerece-se agora ensejo de lavar a nodoa, que macula as passadas. O retrato do snr. Amarante, alem de ser pequeno, está velho e descórado. A meza podia mandar copia-lo em maiores dimensões e colloca-lo depois devidamente.

A inopia de meios não pode servir d'escusa. Obvio é o recurso para destruir tão fragil obstaculo. Solicitando a meza uma subscripção dos habitantes d'esta cidade, a terra natal do snr. Amarante, fazemos-lhes inteira justiça para não accreditarmos, que todos de boa vontade concorrerão. E até melhor será assim: associa-se o reconhecimento da meza ao reconhecimento da cidade para a realisação d'uma obra de gloria commum.

Confiando muito da illustrada intelligencia dos individuos, que constituem a meza actual, não duvidamos de que será este o seu proceder. Oxalá, que a nossa confiança não seja illudida. O que podemos asseverar-lhes é, que obrando d'esta forma grangearão a sympathy publica, e, o que vale mais, a tranquillidade proveniente da satisfação d'um dever.

TORRES E ALMEIDA.

## MEMORIAS DO BOM JEZUS DO MONTE.

### TERCEIRA PARTE.

#### CAPITULO IV

*Notas biographicas do architecto do templo.*

Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, filho de Manoel Ferreira da Cruz Amarante e de Maria Josefa Pereira, nasceu em Braga pelo meado do seculo passado.

Seu pae, que, vindo d'Amarante com tenção d'ordenar-se, se enamorara da mulher, com quem cazou, e fôra por isso obrigado a procurar novo genero de vida, ensinou muzica e canto-chão, até que obteve do arcebispo D. Gaspar o officio d'escrivão do registo geral. Carlos, seu filho, foi também destinado á vida ecclesiastica; mas o mesmo destino, que roubou o pae á Egreja, levou o filho ao altar com Luiza Lopes, filha d'um famoso espingardeiro de Braga tão habil na sua arte, que o conde Lippe, vendo obra d'elle, quiz assistir ao seu trabalho, e confessou que depois que sahira da Allemanha, não encontrara quem melhor trabalhasse. Carlos, não podendo então ser soccorrido por seu pae, que ja contava numeroza descendencia, voltou-se para seus amigos, que, protegendo-o no que podião, começaram d'animal-o para desenvolver o grande talento, que desde estudante mostrava para o desenho e architectura. Por este tempo, pois, se construíram em Braga de baixo de sua direcção as seguintes obras, para as quaes deu o risco: — a formozza casa, ainda por acabar, hoje pertencente ao cavalheiro Antonio Luiz da Costa Pereira Coitinho de Vilhena, com suas magnificas fachadas para os *Campos da Vinha e dos Touros*; — a magestosa egreja e convento do *Populo*; — e o famoso hospital de S. Marcos com sua fronteira elegante e d'um gosto singular.

Exercendo o emprego de Porteiro da Camara do mesmo Arcebispo, que a tantas virtudes, de que foi dotado, juntava a de favorecer os homens de genio, Carlos teve occasião de fazer-se mais conhecido, quando foi encarregado do risco e direcção da celebre ponte d'Amarante.

Pelo bom desempenho desta em-

preza e a instancias do Arcebispo, foi Carlos despachado no ministerio do Visconde de Balsemão, Segundo Tenente d'Engenharia; pouco depois nomeado Lente de Dezenho na Academia, onde esteve dez annos, e ellevado durante esse tempo á patente de Primeiro Tenente d'Engenharia.

Em 1805 foi encarregado da construcção da ponte de barcas sobre o Douro, a qual lhe grangeou bem merecida fama, porque com tal arte estava construida, que, emquanto teve nella immediata inspecção, não se perdeu nas cheias uma só barca, como depois succedia a cada passo.

Esta ponte era provizoria, emquanto se não levantava a de pedra em um só arco sobre os dous rochedos da Serra e Fontainhas, de que havia tambem sido encarregado, — obra, que não chegou a começar-se por causa da retirada da Côrte para o Brazil, e entrada dos Francezes nestes reinos, mas que elle se compromettera a levar a effeito, mostrando a possibilidade de sua construcção pelo risco, que offerecera e em um grande modelo de diferentes peçazinhas de madeira remettera ao governo para Lisboa.

No Porto são tambem seus orisco do templo da Trindade, a Academia, e a igreja das Almas ás Taipas.

Nomeado então Capitão d'Engenheiros, foi chamado em 1810 pelo general Azeredo (hoje Conde de Samodães) para reparar as fortificações de Valença do Minho, em cujos trabalhos se distinguiu por espaço de mais de trez annos: mas sendo atacado d'um ramo d'estupor, que o deixou inhabilitado para todo o serviço, foi reformado, e se retirou para Braga na qualidade d'addido ao corpo d'Engenheiros e d'ahi veio para o Porto nos fins do anno de 1813, onde morreu em Janeiro de 1815 de repetição do mesmo ataque.

Jaz na igreja da Trindade de cuja corporação era irmão remido por ter offercido gratuitamente o risco e instrucções para a construcção deste templo.

A obra porem de mais particular devoção, e por ventura de maior gosto deste Architecto foi a do templo

novo, do Bom Jezus do Monte, que elle concebeo em sua imaginação, e deliniou muito antes de ser Engenheiro, — que inspecionou até ir para Lisboa reger a cadeira de Dezenho, — e que continuou a dirigir tanto de Lisboa, como do Porto e Valença, offerecendo gratuitamente todos os riscos e instrucções precisas. D'elle são tambem os riscos do escadorio das Virtudes, capellas do descendimento e calvário, e em geral de todas as novas obras, que estão feitas ou em projecto. Todos estes beneficios lhe grangearam o titulo d'um dos mais zelosos bemfeitores do Sanctuario, e que seu retrato fosse collocado na Sacristia dos bemfeitores — unico premio que a confraria podia conferir-lhe.

Mas quando se considerar que todo este local era uma eminencia coroada de rochedos, por entre os quaes apenas cresciam alguns carvalhos, e que a concepção sublime de Carlos d'Amarante alli traçara tam magestoso edificio, o apreciador do merito já mais deixará de sentir sua alma possuida de admiração e respeito por este homem grande, a quem em Athenas se teria levantado uma estatua entre as doms ais distinctos cidadãos, cujo nome merecera ser coberto d'immarecessiveis louros, — mas que, por ser Portuguez, apenas existe n'um painel na acção de traçar o risco do templo do Bom Jezus do Monte, n'um painel, que talvez em breve seja consumido com seu nome pela mão do tempo! .. Mas não!... que as gerações futuras, quando verificarem o vaticinio inscripto sobre a porta principal do templo— *Et erit in novissimis diebus ... = et fluent ad eum omnes gentes,* — perguntarão umas ás outras: quem foi o Genio fecundo, que produziu obra tão magestosa? — E os pais, cheios d'ufania, ensinarão a seus filhos tão respeitavel nome, e estes o repetirão a outros de seculo em seculo até que vá sepultar-se debaixo das ruinas do monumento maior de sua gloria immortal — o templo do bom Jezus do Monte!...

Tem este illustre Bracarense descendentes na cidade de Braga, os quaes conservam não só os documentos biographicos do insigne architecto,

gato

Porto

Capitão

Engenheiro

Trindade

Almas ás Taipas

Valença do Minho

Braga

Bom Jezus do Monte

mas uma formozza collecção dos seus melhores dezenhos, entre os quaes admirei os seguintes: — a prespectiva do templo, e alguns contornos do Bom Jezus do Monte, — a ponte, tambem contornada, d'Amarante, ambas desenhadas com a maior limpeza a bico de penna — as prespectivas do convento do Populo, e Hospital de S. Marcos em Braga a banho de nauquim, todas quatro, obras de sua grande invenção, — a ponte de Pombal pelo Tenente Coronel d'Engenheiros Joaquim d'Oliveira, e de Mellum sobre o Sena por Peronette, ambas copiadas a banho por Amarante.

### MEDITAÇÕES.

#### III.

#### O REMORSO.

NA terra não ha uma sancção para a lei moral em harmonia com a justiça do Legislador Supremo.

Procuramos na meditação precedente demonstrar esta verdade, fazendo ver ao mesmo tempo que os remorsos com que os materialistas pretendem armar-se para justificar a Providencia sem recórrer a uma vida futura estão longe de poder justificar-a.

Poderemos nós demonstrar agora, que pelo contrario os remorsos são a prova mais convincente da existencia da eternidade?

Vejamos.

Sem uma vida futura, um tribunal alem do tumulo, aonde o homem tem de responder pela sua conducta, está bem claro, que a norma reguladora das acções humanas seria unicamente o egoismo.

O homem, vivendo isolado, devia procurar tudo aquillo que concorresse para o seu bem estar, embora fosse prejudicar o proximo, porque elle só tinha a curar de si, despresando o bem dos outros.

Era um dever imperioso que o homem tinha a cumprir.

O roubo, o assassinio, por exemplo, seriam acções boas, acções que o homem devia praticar, quando d'ellas resultasse o augmento da sua fortuna.

Eram a estes, e a uma serie infinita de absurdos semelhantes, que devia levar-nos á hypothese da não existencia da eternidade.

N'este caso, pois, a consciencia não podia condemnar, como condemna essas acções que se-

riam boas; porque boas seriam todas aquellas que estivessem em harmonia com o egoismo.

A consciencia não podia approvar umas acções e reprovar outras, porque d'umas e outras deviam seguir-se as mesmas consequencias, em quanto que aquellas que ella na realidade condemna são pela maior parte as que lisongeam as paixões do homem, que favorecem os seus interesses presentes, aquillo a que o homem devia attender primeiro que tudo.

Sem a existencia da eternidade, as acções não teriam merito nem demerito; o homem não estaria obrigado a praticar umas e omittir outras; todas ellas seriam indifferentes, em relação a um estado futuro.

Com que direito, pois, a consciencia havia d'accusar o homem d'acções, que para alem do tumulo seriam indifferentes, e que no presente seriam até boas; quando modeladas pelo egoismo, n'esse caso, a norma reguladora das acções humanas?

Mas a razão e a consciencia dizem-nos, que não devemos regular as acções pelo egoismo, é que a consciencia receia, que ellas tenham de comparecer perante um outro tribunal mais severo, mais inexoravel.

Sem a existencia da eternidade, as acções do homem seriam como as acções da fera, umas e outras teriam o mesmo resultado: não passariam alem da morte.

Qual é a razão pois, porque o homem á maneira da fera, que devora a sua preza e dorme depois socegada, não commette o seu crime e fica tranquillo?

Que receia o homem mais do que a fera?

Porque razão a consciencia se doe d'uma acção, que sem uma vida futura, e sendo praticada em silencio, não tem para o homem más consequencias?

Com que direito havia d'acusal-o?

Sem a existencia da eternidade, repetimol-o, a consciencia havia d'olhar com indifferença para as acções do homem; não poderia approvar umas e condemnar outras, porque não teria direito para isso, menos que ella não tomasse por norma o egoismo.

Aos seus olhos não haveria crime nem virtude, como a verdadeira moral a considera; finalmente, não haveria remorsos.

E que nos mostra a experiencia? Em quanto o homem não está inveterado no crime; em quanto não consegue fazer com que a consciencia durma um somno lethal, esta não cessa d'acusal-o, quando elle não cumpre com o seu dever; não cessa de advertil-o de que a sua acção não é conforme com a virtude, que ella só conhece como o unico caminho que o

homem tem a transitar: no crime seguindo-se sempre o remorso. Como poderá explicar-se isto?

Que será então o remorso? Não será a voz da consciencia a dizer constantemente ao homem, que lhe é indifferente praticar o bem, porque as suas acções hão-de comparecer perante um tribunal severo e justo, que ha-de castigar o vicio e premiar a virtude? não será a consciencia a lembrar ao homem a existencia d'uma outra vida? De certo; porque sem a existencia da eternidade, seria inexplicavel, seria incomprehensivel a existencia do remorso.

Vemos tambem, que á proporção que o homem vai perdendo o temor de Deus, e por consequencia o receio da eternidade, os remorsos vão pouco e pouco desaparecendo, até seguir-se o somno da consciencia.

O homem acostumado a praticar o crime, para quem Deus é este mundo; aquelle que só receia a punição das leis humanas, com esse, a consciencia já se não cança em lhe despertar a ideia d'uma vida futura, o temor da justiça divina; porque o remedio para elle encontra-o, senão no scepticismo, pelo menos nos braços da indifferença.

(1) atreu não sente remorsos: e como hade elle sentir-os, se nega Deus e a eternidade? E' assim tambem que o remorso é tanto menor, quanto o homem vai perdendo mais o temor de Deus e acostumando-se a praticar o crime.

Os Cezares mais perversos foram os que menos temiam os deuses; e Roma foi mais criminosa quando o atheismo mais dominou sobre ella.

Vê-se, pois, que o remorso está em relação com a eternidade, e que quando a ideia d'esta vai desaparecendo, aquelle vai pouco e pouco diminuindo, até que se extingue completamente.

O homem que não crê em Deus, que não crê na eternidade, não sente remorsos. Mas o remorso existe: a sua existencia, pois, deve estar necessariamente provando a existencia da eternidade.

JOÃO JOAQUIM DE ALMEIDA BRAGA

## BRAGA.

### APONTAMENTO HISTORICO.

Como continuação — do apontamento historico — damos hoje parte da lista dos escriptores nossos conterraneos. Escaparam-nos muitos, por isso que os livros, donde extrahimos este catalogo, não os continham todos.

O que dissemos no paragrapho ante-penultimo, é a penas um pequeno esboço do que se poderia dizer a favor desta cidade, dentro da qual nentum Nobre, Grande, Senhor ou Ministro poderia demorar-se sem previo consentimento de seus Prelados; incorrendo tambem na pena d'excomunhão maior — *ipso facto* — reservada á Santa Sé Apostolica todo o que exercesse ou praticasse acto de jurisdicção, nella e seus territorios.

De muitos escriptores não podemos saber a data de sua morte, e é por isso que os apresentamos em primeiro lugar.

Os nomes que forem marcados com asterisco, reputa-osa *Bibliotheca Lusitana* — como escolhidos.

\* Paulo — Orozio — foi muito respeitado dos dous grandes doutores da Igreja St.º Agostinho e S. Jeronimo. Entre muitos outros livros, escreveu — *Historiarum ab exordio mundi libri VII*. Há dezoito edicções desta obra, e muitas em differentes linguas. Este eximio escriptor disputou em Jeruzalem com o grande Pelagio.

\* João de Barros — o mestre da lingua portugueza; aquelle que em Veneza foi levantado em estatua entre os grandes Senadores(1) — escreveu as sentenciosas — *Decadas*, que foram traduzidas em muitas linguas: — *Grammatica da Lingua Portugueza*. — *Dialogo da Vicioza Vergonha*. — *Dialogo dos preceitos moraes*. — *Rhópica Pneuma, ou mercadoria espirital*. — e muitos outros livros.

\* Gabriel Pereira de Castro, auctor do grande poema a — *Ullysea* — que segundo a oppinião de muitos rivalisa com os *Luziadas*, e segundo outros o excede: — Paschoal J: de Mello na — *Historia Juris Civilis Lusitani*, fallando a respeito deste poeta, diz — *Bonus interim Jurisconsultus; sed melior Poeta; illius namque poema, Ullissea inscriptum, absolutissimum est, et in eo magum Camonium vel superat vel exaequat* — Escreveu outros muitos livros.

Bernardo da Fonseca Saraiva, escreveu — *inter Regem Dyonisium et Principem Alphonsum*, poema. —

\* Diogo de Teive, lente de — *hollaslotras* — na universidade da Bordeaux, escreveu — *Comment: de rebus gestis in India ad Diuum*. — *Compendium totius Romanae hist*: — e muitos outros livros.

\* Matheus Soares, escreveu *Pratica e ordem para os Vizitadores dos Bispos*.

\* Pedro de Magalhães Gandavo, escreveu — *Historia da provincia de Santa Cruz*. — *Regras da Orthographia da lingua portugueza*.

Pedro de Santa Maria, loyso, escreveu — *Compendio da Doutrina e regimento da vida christão.*

\* Xisto Figueira, escreveu — *Arte para se rezar conforme o costume Bracarense.*

Alexandre da Cruz, cormelita, escreveu — *Sermão na Cononisação de Santa Maria de Pazzi.*

Andre Dias d'Oliveira; militar, escreveu — *Escola militar.*

Antonio Camello, lente da universidade de Coimbra, escreveu — *De natura et Attributis ad mentem D. Anselmi.*

Antonio Fernandes, missionario da Ethiopia, escreveu — *Cartas ao Governador de Goa.*

Antonio Francisco d'Alcova, escreveu — *Compendio da Nobreza e Fidalguia destes Reinos.*

Antonio Milheiro, conego em Coimbra, escreveu — *Rituale Romanum.*

Antonio Rebello de Brito, escreveu — *Poema latino ao Arcebispo de Braga.*

Padre Antonio Tavares, escreveu — *Exame dos Confessores*

Padre Antonio Vellozo, jezuita em Cochim, escreveu — *De Primatu Ecclesiae Bracarensis.*  
Bento de S. Luiz, escreveu — *Trinta Operas. — Romaria ao Monte Santo.*

Domiugos José Miguel, escreveu *Jardim doloroso. — Despertador Ecclesiastico. — Vozes despertadoras.*

Domingos de Sousa, escreveu — *Templo da Fama e palacio da eternidade, poema.*

Francisco d'Oliveira, escreveu — *Aritmetica verdadeira.*

Francisco Sauches, lente de medicina e filosofia em Toloza, escreveu — *Opera Medica. — De multum nobili scientia quod nihil scitur. — De Interpretandis Auctoribus. — Erotemata super Euclidis demonstrationis ad Claviium.*

Francisco Vahia Teixeira, escreveu — *Dez postillas a varios tit. do Digesto.*

Jacome Borges Pacheco Pereira, escreveu — *Romances ao Senhor D. José Arcebispo.*

Jeronimo Barbosa, escreveu — *Cruz da vida.*

Ignacio Carvalho, escreveu — *Guimarães combatido*

João d'Oliveira, escreveu — *Relação das festas da Canonização de S. Luiz de Gonzaga.*  
F. Castiço. (Continúa.)

(!) Questionou-se sobre a patria do grande e immortal João de Barros; será escuzado dizer, que nos apegamos com todas as veras á opinião d'aquelles, que o fazem filho da nossa Braga.

## UM DUELLO SEM TETIMUNHAS.

### III.

Aquelles que a tivessem visto pela primeira vez, poderião ter julgado, que seu character era d'uma bondade extrema, embora parecesse inerte, frio e indolente: um fogo immenso de amor e de paixão ardia n'aquelle coração puro, angelico e innocente, cujas violentas pulsações a joven encantadora sabia occultar perfeitamente.

O manto da orphandade cubria o coração angelico d'Amelia, e seu escasso dote não lhe permitia aspirar a uma rica união, n'este seculo egoista; em que o dinheiro é tudo, e o talento, a virtude e abelleza nada significam!!

Sem embargo, esta meiga donzella, este anjo de candura, não era ambiciosa, e apesar de sua modesta fortuna, jamais havia querido contrahir um d'esses casamentos, que se ebamam de *conveniencia*: o unico marcebo que poderia seduzil'a, seria aquelle que reunisse uma boa figura, elegancia de maneiras e distincção pessoal na sociedade.

Num dia de manhã veio o seu tutor, vergado ao peso dos annos, fazer-lhe uma proposição de matrimonio da parte do conde d'Harqueville; mal o velho tinha acabado de falar, as niveas faces da donzella se cubriram de rubor, e sua cabeça se baixou algum tanto. A emoção da doce voz, a agitação do delicado corpo, e o bater do peito alvorçado, claramente respondiam, que Mr. d'Harqueville lhe não era indifferente. Dois meses depois, Amelia era esposa do conde. A joven e seu marido occultavam sua felicidade debaixo do tecto da mansão senborial d'Harqueville.

Apesar de que o novo esposo amava sua mulher, como cumpria amar-se, ainda assim, não tardou muito em pôr em pratica a scena d'alegria, que outr'ora representava quando solteiro, não deixando tambem de tomar o seu posto habitual, *no palco infernal da opera.*

O joven conde passava um amor proprio excessivamente exaggerado, e era bastante zeloso na sua honra conjugal, por differentes vezes tinha sido o alvo de conversações burlescas, d'equivocos cruéis e de sentenças propheticas dos seus antigos companheiros de libertinagem.

Ao principio respondeu com desdem e indifferença a estes grosseiros dialogos; porem, um dia, em que se não achava de bom humor, certa curiosidade burlesca e epigramatica de um estouvado que lhe perguntava por sua esposa, a condessa d'Harqueville, foi causa de terrivel expluzão. O conde, cego de furor, deu uma forte bofetada no rosto do insensato satyrico, ficando desafiados para o dia seguinte no bospue de Bolonha. O provocador, recebendo uma bala no hombro, jazeu seis semanas entre a vida e a morte!

Este duello cerrou a boca aos murmura-  
dores, e o conde, apezar de ter um caracter  
frascivel, nem por isso lhe faltava sensibilida-  
de, e em breve se arrependeu de ter dado ao  
pobre diabo uma ligão tão severa.

Trez annos haviam decorrido desde o ma-  
trimonio do conde; porem esta vida, ainda  
que parecesse deslizar sem o menor vislumbre  
de inquietação, não deixou ainda assim des-  
frutar algumas nuvens de tormento!

Amelia, que desde todo o principio havia  
amado ardentemente o conde, esfriou pouco  
a pouco em seu amor, sem que pensamento  
algun houvesse desflorado sua alma pura e vir-  
ginal; e por vezes não podia deixar de com-  
parar este homem sombrio e violento, [positi-  
vista e material, com Felix de Villemont, que  
pelo contrario, era joven e brilhante diplo-  
mata, d'uma elegancia perfeita, e d'um ta-  
lento poetico e cultivado.

Felix de Villemont, era o amigo mais in-  
timo do conde d'Harqueville: existia entre  
elles bastante differença na idade. Felix apenas  
contava cinco lustros.

Vinha amiudadas vezes passar um mez ou  
dois no castello d'Harqueville. O conde abor-  
recia-se extraordinariamente, bocejando de ma-  
neira tal, que parecia quasi deslocar os queixos,  
quando seu joven e espirituoso amigo se não  
encontrava a seu lado. Desde o momento, em  
que Felix se auzentava, desaparecia a alegria  
e o prazer, e o castello se cobria repentina-  
mente de nuvens sombrias e taciturnas; mas  
ao regressar, tudo era jubilo na mansão d'  
Harqueville: as rolhas das botelhas saltavam  
pelos ares, o vinho de Champanhe enchia os  
copos com sua ardente espuma, as bosinas da  
caça deixavam ouvir seus alegres ecos, e os  
cães brincavam contentes e cubicosos de san-  
gue e matança. O conde se aproveitava da che-  
gada de Felix para fazer convites a alguns a-  
migos com o fim de virem tomar parte nos  
divertimentos do castello.

Porem, se Felix de Villemont tinha o pri-  
vilegio de alegrar o rosto e alma do conde,  
havia mais uma outra pessoa, que era dema-  
siadamente ditosa e feliz, quando a verga do  
parque se abria para dar passagem á berlinda,  
que conduzia ao castello o joven diplomata.  
A condessa d'Harqueville, habitualmente me-  
lancholica e pallida parecia volver á vida e á  
felicidade ao notar-se o contentamento que lhe  
transparecia no rosto.

IV.

Neste dia se encontrava Mr. d'Harqueville  
no zenith do jubilo: seu joven amigo Felix de  
Villemont estava no castello havia já oito di-  
as: os convidados eram em numero avultado,  
e sentiam o mais frenetico enthusiasmo: um  
magnifico almoço se achava servido: abunda-  
vam por todos os lados fileiras de garrafas de

vinho de Champanhe e no castello reinava uma  
agitação extraordinaria, repassada d'um ar de  
festa e regosijo.

Apezar d'este bulicio de prazer, a condes-  
sa não abandonou o seu thalamo nupcial: e af-  
firmava que uma enxaqueca lhe tinha roubado  
o somno em toda a noite. O conde parecia não  
se inquietar com este accidente: a unica coisa,  
que occupava toda a sua attenção, era a batida  
de lobos, que devia verificar-se depois do al-  
moço.

Com tudo, mal julgaria, quem imaginasse  
que o conde já não consagrava amor a sua es-  
posa! Elle, apezar d'esta insensibilidade appa-  
rente, continuava a adorala, *mas a seu modo*,  
por que um dos pensamentos, que lhe o occu-  
pava a imaginação, era não poder persuadir-se,  
que alguém se achasse seriamente enfermo n'um  
dia de caçada e sobre tudo n'um dia de con-  
vite.

Os cães, folgando de alegria, continuavam  
saltando e ladrando nos seus cubiculos de incer-  
ração: as bosinas e trombetas de caça rebom-  
bavam os ecos d'um extremo ao outro do cas-  
tello, e o conde cantava alegremente brilhantes  
imitações das trombetas e bosinas. Por ultimo  
a campainha annunciou o almoço.

Liriot? (exclamou o conde d'uma janellae  
batendo as palmas) continúa tocando durante  
o almoço. Isso nos alegrará.

Muito bem, snr. conde, (respondeu Liriot  
com voz enrouquecida.) Ides ouvir uma famo-  
sa muzica! Asseguro-vos que S. M. Carlos X  
nunca a ouviu melhor.

E a bosina da caça resôou com enfaze pe-  
lo patio do palacio

Capitão, (diz o conde dirigindo-se a um  
personagem de elevada estatura, e d'uma phi-  
sionomia franca e lial) não vos parece que Li-  
riot é sem rival no toque da sua bosina caça-  
deira?

De certo snr. conde, (repelicou o capitão  
crusando-se militarmente) Esse maganão esta-  
ria como de molde á testa da gendarmaria do  
departamento.

Quem proferia estas palavras era o intre-  
pido Cautabro, soldado veterano da antiga guar-  
da, e hoje capitão de gendarmaria.

Tinha elle o rosto adornado de soberbos  
bigodes, um tanto grisalhos; e o nariz aquilino,  
e uma grande cicatriz sobre a face esquerda,  
davam-lhe á physionomia um aspecto ostentoso  
e guerreiro. O ventre, um pouco avultado,  
roubava-lhe a magestade quando marchava, e  
com este defeito perdiam muito as suas quali-  
dades physicas, ao apear-se. Era como os Cen-  
tauros mythologicos, visto que elle e o seu ca-  
vallo não formavam mais que um só corpo. Ti-  
nha uma fita roxa lusidia no peito; mas esta no-  
bre condecoração não a havia obtido em capi-  
tão de gendarmas; porem sim quando fôra in-  
trepido e corajoso soldado de Marengo.

(Continua)

## O ERMITA.

## BALATA.

TRASLADADA DO INGLEZ DE GOLDSMITH.

(Conclusão.)

« Mil amantes pretendiam  
D'um terno pae separar-me;  
Encantos me attribuiam;  
E vinham, por captivar-me,  
Jurar amor ou fingir.

« Cad' hora um venal cardome  
Ricas propostas formava;  
Com outros Eduino o lume  
D'amor tinha, e nunca ousava  
D'amor a voz proferir.

« Simples, humild'em vestido,  
Nem poder tinha, ou riqueza;  
Siso, e merito subido  
Era a sua mor grandeza;  
Mas tudo para me dar.

A flor, abrindo-se ao dia,  
O orvalho, que o Ceo refina,  
Em pureza não se via  
Poderem dar coiza dina  
De seu engenho emular.

« O orvalho, a flor, da inconstancia  
Soffrem, mudando, a censura:  
De encantos taes a importancia  
Tinha a elle; eu, sorte dura!  
Tinha a leviandade só.

« Louca, ensaiei todo o effeito  
Da arte mendaz, inconstante;  
E bem que me fosse ao peito  
A paixão do meu amante,  
Eu triumphava em seu dó.

« Té que de desdens véxado,  
Fugindo uma louca altiva,  
Em soidão abandonado,  
Finando d'angustia viva,  
Em segredo alli morreu.

« Mas pois dei causa a tal erro,  
Hei-de co'a vida pagal-o;  
No lugar do seu desterro,  
Hei de, se posso enconral-o,  
Jazer onde elle jazeu.

Alli, só, desesperado,  
Hei-de aos dias meus pôr termo;  
Pois por mim sacrificada  
Foi de Eduino a vida no ermo,  
Por elle a vida hei-de dar.»

« Tal não permitta o Ceo » clama  
O Ermita, unindo-a a seu peito...  
Ja se agasta e volta a Dama,  
Quando o fitta, e em laço estreito  
Se vê d'Eduino abraçar.

« Vem, Angelina, querido  
Feitiço meu; torna ao gozo  
De ver o ha tanto perdido,  
Eduino teu jubilozo,  
Restaurado a ti e a amor.

« Deixa-me ao seio apertar-te,  
E longe vá ruim cuidado!  
Nunca, nunca hei-de deixar-te;  
E's meu tudo, és do meu fado,  
Da vida o melhor penhor.

« Sempre unidos d'ora avante  
Nos terá o amor mais fino;  
E esse ai, que no teu constante  
Peito marcar fim, de Eduino  
Será o derradeiro ai!»

França em Rennes, 1832.

Pelo exilado,

M. R. S. A.

No ALBUM DO MEU CONDÍSCIPULO E AMIGO

J. J. DE S. TORRES E ALMEIDA.

Do soffrimento o archanjo lamentoso  
Sobre a face do mundo estende o braço:  
Um diadema offertava, e pavoroso  
« Para o que mais soffreu! » gritou no espaço.

Eis logo immensa turba se atropella,  
Todos querem ganhar a prenda infausta;  
Mas nenhum dos que chega por obtê-la  
Mostrava a taça da amargura exausta.

« Affastae-vos! » lhes brada o genio esquivo,  
« Nenhum tocou do soffrimento a meta:  
Tu, só tu mereceste o premio altivo;  
Ergue a fronte, coroa-te, poeta!

A. A. Soares de Passos.

## EXPEDIENTE.

Só depois de publicado o 2.º n.º do *Murmurio* é que chegou a esta cidade o n.º da *Nação*, no qual se annunciava em termos generosamente lisongeiros o apparecimento d' este periodico; e é por isso que tambem só hoje agradecemos a seus illustres redactores. a quem consagramos profunda e respeitosa admiração.

O mesmo ao *Portugal*, á *Monarchia*, ao *Lancense* e ao *Imparcial*.

O, mancebos que se encarregaram da redacção do *Murmurio* por mais vaidozos que fossem, nunca poderiam esperar do jornalismo portuguez tam affectuoso acolhimento.

A falta absoluta de papel foi que nos obrigou a a recorrer a este tão ridiculo. Por isso pedimos desculpa aos nossos assignantes.